

**Variações linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de  
comunicação/sinalização**

*Linguistic variations in Libras: particularities between the forms of communication /  
signaling*

Liliane Afonso de Oliveira  
**Universidade da Amazônia-UNAMA**  
Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva  
**Universidade do Estado do Pará-UEPA**  
Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo  
**Universidade Federal do Pará- UFPA**  
Belém-Pará-Brasil

**Resumo**

Na Língua Brasileira de Sinais (Libras) há sinais que variam de região para região, o que reforça a legitimação da Libras como uma língua. O objetivo desta pesquisa é analisar as variações linguísticas que ocorrem na sinalização das palavras APAIXONAR, REPROVAR e ACHAR através do aplicativo alagoano de grande circulação nacional chamado *Hand Talk*, que traduz palavras da Língua Portuguesa para a Libras. Além disso, objetivamos analisar o vídeo de uma professora surda ativista paraense, que teve seu vídeo viralizado nas redes sociais em 2017 após o tema da Redação do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). A metodologia utilizada foi de caráter exploratório com entrevistas e análises comparativas. Para a análise das variações observadas, utilizamos os critérios paramétricos: CM, LOC, MOV, ORI e EF, fundamentados nos estudos de Ferreira Brito (1990); Quadros e Karnopp (2004) e Quadros (1997, 2004, 2006). Os resultados apontam que a variação, enquanto processo presente em qualquer língua natural, também ocorre na Libras.

**Palavras-chave:** Libras; Variação Linguística; Comunicação.

**Abstract**

In the Brazilian Sign Language (Libras) there are signs that vary from region to region, which reinforces the legitimacy of Libras as a language. The aim of this research is to analyze the linguistic variations that occur in the signaling of the words APAIXONAR, REPROVAR and ACHAR through the Alagoas nationally-circulated application called *Hand Talk*, which translates words from the Portuguese language to Libras. In addition, we aimed to analyze the video of a deaf activist teacher from Pará, who had her video viralized on social networks in 2017 after the theme of the National High School Exam (Enem). The methodology used was exploratory with interviews and comparative analyzes. For the analysis of the observed variations, we used the parametric criteria: CM, LOC, MOV, ORI and EF, based on the studies by Ferreira Brito (1990); Quadros and Karnopp (2004) and Quadros (1997, 2004, 2006). The results show that variation, as a process present in any natural language, also occurs in Libras.

**Keywords:** Libras; Linguistic variation; Communication.

### **Primeiras palavras**

A língua permite ao ser humano relacionar-se com o mundo. A vida do ser humano está intensamente ligada à comunicação. Por meio da língua, é possível transmitir pensamentos, ideias e interagir com seus pares. Língua e linguagem estão ligadas e é impossível imaginar a vida sem elas, pois são instrumentos essenciais na vida humana (FLORIANO; MARTINS; AMARAL, 2016).

O maior responsável pela regulação da atividade psíquica humana é a linguagem. É através dela que se permeiam a estruturação dos processos cognitivos. Assim, é assumida como constitutiva do sujeito, pois possibilita interações fundamentais para a construção do conhecimento (VIGOTSKI, 2001).

A linguagem é adquirida na vida social e é com ela que o ser humano se constitui como tal, com suas características humanas, diferenciando-se dos demais animais. É a partir do contato com a linguagem e a integração dela pela sociedade que faz uso dela, que o sujeito a adquire. Já para os surdos, esse contato revela-se prejudicado, pois a língua oral é percebida por meio do canal auditivo, alterado nestas pessoas. Desse modo, os sujeitos surdos pela defasagem auditiva enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua do grupo social no qual estão inseridos (GÓES, 1996).

O ser humano desenvolve uma ou mais línguas, conforme sua necessidade, não havendo, sob este ponto de vista, uma língua superior à outra. Entre as muitas línguas, há a Língua Brasileira de Sinais – Libras, usada pelos surdos que vivem no Brasil onde existem comunidades surdas. As autoras Strobel e Fernandes (1998, p. 25) afirmam que:

A modalidade gestual-visual espacial pela qual a LIBRAS é produzida e percebida pelos surdos leva, muitas vezes, as pessoas a pensarem que todos os sinais são o desenho no ar referente ao que representam. É claro que, por decorrência de sua natureza linguística, a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere, mas isso não é uma regra. Portanto, necessita de um aprendizado sistemático, preferencialmente ensinada por surdos.

Como pode ser observado, ao comunicar-nos em Libras utilizamo-nos de uma língua espaço-visual, diferentemente da Língua Portuguesa falada. Desta forma, a Libras assume a posição de primeira língua para os surdos, e segunda língua para ouvintes.

Pesquisar essa língua significa imergir nessa cultura que é a forma de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e

das “almas” das comunidades surdas (STROBEL, 2009). Abrangendo assim, sua língua, costumes, ideais e hábitos do povo surdo<sup>1</sup>.

A Libras é uma língua utilizada pelas comunidades surdas espalhadas pelo país com grandes diferenças regionais em relação as vestimentas, hábitos alimentares, crenças, entre outros fatores que acabam por gerar variações linguísticas regionais assim como na língua oral. As línguas de sinais apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela Linguística. As línguas de sinais são visuais-espaciais, captando as experiências visuais das pessoas surdas. (QUADROS, 2004).

Cabe ressaltar que a Libras não é uma língua universal, logo, cada país possui a sua própria, assim, é preciso entendermos que para se compreender qualquer língua dentro de um determinado país, necessita-se que seja compreendido suas particularidades sociais, políticas e culturais.

Destarte, é frequente a dificuldade encontrada pelo sujeito surdo nos diversos contextos sociais do Brasil, que envolve a sua luta diária pelos seus direitos, os desafios de superar as suas limitações dia após dia e, a aceitação na sua forma de comunicação.

Muitos surdos, ainda possuem grandes entraves no processo de compreensão da língua portuguesa em sua forma escrita. Assim, um país apresenta vários traços de identidade e a língua é sobremaneira um grande exponencial que pode vir a sofrer diversas mudanças decorrentes de diferentes fatores, como o espaço, o tempo e o nível cultural dos sujeitos. Dessa forma, todos os usuários de uma mesma língua de sinais, a exemplo, podem também variar a forma com que executam os sinais.

Ao estudarmos o fenômeno linguístico e as línguas de sinais, estamos tratando também das relações entre linguagem e sociedade. A linguística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata, de imediato, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, toda comunidade - no caso aqui investigado, a comunidade de surdos - se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais. A essas diferentes maneiras de fazer sinais, a sociolinguística utiliza a denominação de “variedades linguísticas” (ROSA; GOES; KARNOPP, 2004).

Dessa forma, há uma grande discussão sobre as variações linguísticas e uma possível padronização dos sinais regionais. No Brasil, em diversas regiões, são ofertados cursos de graduação em Libras. Logo, as discussões sobre sinais novos, a existência de variantes

. *Variações linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de comunicação/sinalização*  
linguísticas na sinalização das Libras ou padronização desses sinais são muito amplas, principalmente em função das grandes distâncias entre os estados brasileiros.

Por conseguinte, a presente pesquisa valoriza a Libras como meio de comunicação entre os surdos e dos surdos com os ouvintes, bem como suas variantes e como ela é veiculada e compreendida e, ainda, objeto de nosso estudo, como essas variedades linguísticas são manifestadas no aplicativo alagoano *HandTalk*, que realiza a tradução do Português para Libras e por uma professora paraense da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

### **Sujeito Surdo em análise**

A escolha do sujeito surdo para realizarmos as referidas análises deste estudo foi a da professora Pâmela Matos, que autorizou a divulgação de seu nome e imagens neste trabalho. Na época, em meados de novembro do ano de 2017, fazia parte do quadro de professores de carreira da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A docente postou um vídeo no Facebook em novembro de 2017 para rebater um post de uma ex-professora dela que fez críticas ao tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2017, "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil". O vídeo, Figura 1, teve mais de 2 milhões de visualizações. Analisamos o perfil da professora surda e constatamos que a docente possuía uma grande história de lutas na defesa da Língua Brasileira de Sinais e através dos comentários percebemos que interagia com surdos de diversas regiões do Brasil.

Figura 1 – Repercussão no Site de notícias G1 da professora Surda que reagiu após ex-professora criticar tema da redação do Enem 2017.



Fonte: G1, 2017.

Posteriormente, realizou-se entrevista com a docente e convidamo-la para fazer parte da pesquisa, esclarecendo que estaríamos realizando estudos na área de variação linguística da Libras e solicitamos que a surda realizasse a tradução habitual das palavras

APAIXONAR, REPROVAR e ACHAR para alcançarmos o objetivo desta pesquisa de analisar as variações linguísticas que ocorrem na sinalização das referidas palavras pelo aplicativo alagoano de grande circulação nacional, *Hand Talk*, que traduz palavras da Língua Portuguesa para a Libras e, a docente, uma professora surda paraense, militante pela Libras, que teve seu vídeo viralizado nas redes sociais em 2017 após o tema da Redação do Enem.

### **Pamela Matos: militância nacional pela Libras**

A professora surda tem 30 anos e perdeu a audição aos seis anos de idade por conta de uma doença chamada meningite. Começou sua militância aos dezesseis anos, quando adquiriu a Libras pela primeira vez, em contato com um colega surdo, anos depois de ter saído da escola privada para a pública, em decorrência de suas dificuldades e falta de oportunidades inclusivas na mesma. Na visão da entrevistada, na escola pública teve uma melhor integração e contato com seus “pares “surdos. Adquiriu a Libras, conheceu realidades de vida daqueles seres, ditos por elas “especiais” diferentes e, entrosou de vez com seu grupo.

Enquanto estudante do ensino médio, já idealizava um excelente futuro profissional. Com todas as oportunidades que recebia, sabia agarrar com maestria, nunca se limitou à sua surdez, pelo contrário, suas dificuldades a tornaram mais resistente. Ainda no ensino médio, prestou Exame Nacional para Certificação de Proficiência em Libras (PROLIBRAS), para que pudesse realizar atividades como instrutora de Libras na igreja evangélica em que fazia parte, em cursos livres e, obteve aprovação.

Seu envolvimento com a comunidade surda cresceu e passou em 2004 a fazer parte da Associação dos Surdos de Belém (ASBEL), na qual desenvolveu trabalhos voluntários, atuando como sócia, secretária, presidente e, por último, o cargo de segunda diretora de políticas educacionais. Foi a primeira aluna surda a defender um mestrado no Pará, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), com a temática gestos e sinais da Libras, em que explorou o universo da contação de história sem o uso da voz e durante o período deste estudo é professora concursada pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) sob o cargo de professora de Libras, dividindo-se entre o estado do Pará e do Amapá por dois anos, galgando concursos para voltar ao estado do Pará.

Segundo a professora entrevistada, que já carrega em si um histórico de luta e resistência devido a poucas oportunidades dadas à pessoas com a mesma condição que ela

*. Variações linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de comunicação/sinalização*

– com surdez – fez com que abraçasse a causa de qualquer ser que necessita de oportunidades. Quando ela se deparou em várias localidades do interior do estado do Pará, alguns grupos e outros surdos isolados, sem aquisição da Libras – em termos linguísticos, a sua primeira língua – ficou comovida com a situação. Buscou conhecer o dia a dia dessas pessoas, conheceu alguns familiares, criou laços afetivos com os mesmos e, sempre que podia, tentava na oportunidade ensinar a Libras para os surdos locais.

Porém, como suas aulas eram apenas um fim de semana por mês, nem sempre era fácil, principalmente em termos de aceitação e convívio. Alguns surdos se intimidavam e outros valorizavam os seus gestos, ou melhor, sua forma de linguagem, o que permitiu, segundo a professora Pâmela, enxergar com outros olhos que a língua dos surdos não se limitava apenas na Libras, mas, na linguagem daquele povo: os gestos.

Então, preferiu conhecer seus gestos e identificou uma variedade de sinais puros, característicos, arbitrários, icônicos, expressivos, com os mesmos parâmetros básicos da Libras, mas, não institucionais (sem registro linguístico/ de dicionário).

Percebeu-se que aquele povo surdo, do interior do estado do Pará e de outros interiores, merecia ser valorizado, reconhecido com suas capacidades e condições linguísticas. Foi a partir destas experiências que segundo a entrevistada partiu tal inspiração, de respeitar os povos surdos, com suas escolhas linguísticas e contextos de vida social, buscando entender e criar possibilidades para os surdos da zona rural para que tivessem inserção na educação e sociedade.

A professora e pesquisadora tem relevante participação na associação dos surdos de Belém- PA, onde atua como militante e líder surda, lutando pelos direitos de sua comunidade local.

Durante entrevista ela informou que muito antes do vídeo do Enem, em 2017, já atraía os interesses de representantes institucionais, políticos e de envolvidos com a comunidade surda. Disse que adquiriu responsabilidades muito cedo e não deixou de organizar sua vida profissional, sempre tendo em mente a necessidade de ajudar seus familiares: o pai – motorista aposentado; a mãe – dona de casa; três irmãos mais velhos, dois com suas famílias e uma irmã solteira. Pâmela é a caçula de três irmãos e a única filha com formação superior na família. Nunca aceitou que a sua surdez a impedisse de realizar suas metas.

Assim, como professora de Letras-Libras, sempre se mostrou presente, disponível e crítica na luta pelos direitos sociais, educacionais e linguísticos da comunidade surda ministrando palestras e oficinas, realizando projetos de extensão e apoiando o seu povo como ela carinhosamente chama de “meu povo surdo”.

### **HandTalk: o aplicativo facilitador?**

O *HandTalk*, Figura 2, é um aplicativo que traduz termos em Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas suas modalidades oral e escrita. No Brasil, o aplicativo tem se revelado como um grande potencial inclusivo nos diversos contextos sociais em aspectos de interação e ampliação de vocabulários tanto na Libras-para surdos e ouvintes, quanto na Língua Portuguesa, como segunda língua para o sujeito Surdo.

Figura 2 – Página oficial do aplicativo hand talk com a apresentação do boneco animado Hugo.



Fonte: Hand Talk, 2019.

A saber, este projeto iniciou-se na capital de Maceió (AL) por meio de Ronaldo Tenório, estudante de publicidade que teve um desafio lançado pelo seu professor de criar um produto inovador decidindo posteriormente se voltar a criar um produto voltado para a área de tecnologia assistiva (SIMÕES, 2016). Conforme estudava e buscava uma área específica, percebeu que haviam registrado muitos meios que ofereciam acesso às informações para as pessoas que possuíam dificuldade visuais, e já para os que têm deficiência auditiva ainda eram difíceis de encontrar meios que dessem a eles acesso tanto às informações como também à comunicação. Essa seria a mola impulsadora de Ronaldo a desenvolver os rascunhos do seu projeto e que mais tarde, se tornaria um grande negócio.

Naquela época, a criação desse produto teve por objetivo apenas o cumprimento de um trabalho universitário, desafio lançado pelo professor. O projeto ficou esquecido por



. *Variações linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de comunicação/sinalização*  
cinco anos. Ronaldo se formou e abriu sua própria agência de publicidade. Posteriormente, Carlos Wanderlam, um dos sócios do aplicativo, à época, tinha uma agência focada em programação e fizera uma viagem para Belo Horizonte no intuito de realizar um curso de desenvolvimento de aplicativos. Após o término deste, retornou a Maceió com a ânsia de colocar o que havia adquirido de conhecimentos em prática. Ronaldo, o estudante de publicidade agora já formado e que trabalhava junto a Carlos, recordou do seu projeto que esteve esquecido por muitos anos e decidiu propor um teste.

Assim, Ronaldo e Carlos, conseguiram arquitetar o aplicativo e enxergaram uma tecnologia assistiva que se tornaria um grande negócio. Então, com o trabalho também de Thadeu Luz, terceiro sócio do aplicativo, especialista em animação, nasce em 2012 o aplicativo *Hand Talk*. Assim, concordamos com Bersch (2006) sobre a perspectiva de que a Tecnologia Assistiva (TA) ainda é um termo novo e utilizada para identificar todo arsenal de ferramentas, recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência ou com incapacidades advindas do envelhecimento e conseqüentemente promover vida independente e inclusão

O aplicativo alagoano já foi eleito, em 2013, o melhor do mundo no concurso WSA-Mobile, concurso promovido pela ONU, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes, sendo avaliado como o Oscar da tecnologia móvel (SOUZA, 2013). Entre os mais de 430 projetos inscritos gratuitamente ao prêmio por 102 países, o aplicativo *Hand Talk* foi escolhido como o melhor na modalidade Inclusão Social do prêmio WSA-Mobile.

Os criadores do *Hand Talk* são os sócios Ronaldo Tenório, Thadeu Luz e Carlos Wanderlan. Para os criadores, o aplicativo tem como objetivo levar a inclusão social a deficientes auditivos. Esse aplicativo é gratuito e realiza tradução automática de termos e pequenas frases da Língua Portuguesa para a Libras, por meio de Hugo, um boneco animado. O aplicativo foi originado a partir de pesquisas realizadas na Universidade Federal do Alagoas (SOARES, 2013). Na Tabela 1, realizou-se uma análise operacional a fim de nesse estudo estabelecermos um panorama das particularidades que compõem o aplicativo.

Tabela 1 – Características das ferramentas do HandTalk.

CARACTERÍSTICAS	ANÁLISE
Disponível para Android?	SIM
Disponível para IOS?	SIM



Traduz Língua Portuguesa para Libras a partir da entrada de texto e voz?	SIM
Funciona sem acesso à internet no momento da utilização?	NÃO
O usuário consegue visualizar o sinal em diferentes ângulos?	SIM

Fonte: Elaboração própria dos autores, 2019.

Percebe-se que essa tecnologia não é apenas um simples tradutor gramatical da Língua Portuguesa para a Libras ou um dicionário virtual de vocábulos da Língua Portuguesa, mas é também uma biblioteca de animação composto com um conjunto de mais de 300 termos que além de converter textos, sons e imagens para Libras por meio do boneco Hugo, facilita a comunicação entre o ouvinte e o surdo dando a estes o acesso à informação.

### **Variações linguísticas: uma análise nos sinais de comunicação**

Hoje, os surdos, em contraste com o passado, já possuem leis que lhes asseguram o direito à comunicação e atendimento por meio da Língua de Sinais. No Brasil, sob o ponto de vista legal, a Lei 10.436 de 24 de Abril de 2002 dispõe em seus artigos 1 e 2 sobre a Libras:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Inúmeras foram as lutas, durante diversos períodos históricos, do povo surdo e dos estudiosos acerca da Educação de Surdos para a culminância da oficialização da Lei de Libras, aprovada e publicada no Diário Oficial da União, na forma do Decreto n.5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamentou a referida Lei n.10.436/02, de 24 de abril de 2002. Assim, a Libras passou a ser reconhecida como meio oficial de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil.

Este ganho social à comunidade surda avalizou a inclusão do ensino de Libras, bem como a formação de instrutores e intérpretes e, garantiu a presença de intérpretes, facilitando a comunicação entre surdos e ouvintes em locais públicos. A Libras passou a ir além das relações cotidianas entre as comunidades surdas brasileiras e os ouvintes.

*. Variações linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de comunicação/sinalização*

O Decreto n. 5.626 de 2005, que regulamenta a Lei supracitada, nos orienta acerca da inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, em todos os cursos de licenciatura, nas mais diversas áreas do conhecimento e optativa nos demais cursos de educação superior e também na educação profissional.

Assim, Libras é reconhecida como uma língua oficial que garante que os surdos sejam respeitados e se integrem aos diversos contextos sociais em que estão inseridos, ainda hoje uma das metas da educação inclusiva.

A língua portuguesa é uma língua de modalidade oral-auditiva, e a Libras tem como modalidade de comunicação o canal viso-espacial (QUADROS; KARNOPP, 2004). Dessa forma, a imagem dessa palavra gerada na mente deste sujeito surdo é realizada visualmente, demonstrado que a associação do significante com o significado é feita na forma gestos articulatórios/sentido e não som/sentido. Destarte é o contexto interpretativo comunicativo que irá auxiliar na compreensão e gerar uma imensa rede de possibilidades lexicais.

A modalidade viso-espacial não pode ser considerada uniforme, uma vez que a percepção visual do gesto articulatório do interlocutor não é homogêneo, assim como a fala também não é de uma língua homogênea. Assim, temos variações linguísticas entre Surdos paulistas, paraenses, gaúchos, baianos, que não são apenas fonológicas, mas também semânticas e, algumas vezes, sintáticas. As diferentes formas de falar/ sinalizar (pontos de articulação, configuração de mão) incidem em diferenças “visuais”.

A comunicação em Libras não depende apenas da possibilidade de visualização ou memorização de sinais. Adquirir a linguagem significa ir muito mais além do que aprender um conjunto de regras prontas, acabadas. Franchi (1992) ressalta que quando se aprende a falar, não se adquire apenas um conjunto de “funções”, com suas características e modos de expressão.

Quadros (1997) profere que a língua de sinais surge pelas necessidades naturais e específicas dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações, se apresentando tão complexa e expressiva quanto à língua oral.

Sobre a relação entre linguagem e cultura, Marconi e Presotto (2009) aborda que a linguagem é um fenômeno cultural por excelência, tão antiga quanto a cultura e sempre houve tantos modos de falar quanto culturas. Percebe-se assim, a necessidade dos seres

humanos em aprender sua língua, expressa pelo corpo deste indivíduo e, conseqüentemente, a cultura da qual fazem parte. Trata-se do dispositivo fundamental para o ingresso, o atravessar esse muro, a barreira que limita surdos ou ouvintes no aprofundamento dos elementos próprios que cada cultura tem.

As línguas se expressam pelos órgãos dos sentidos, corpos que expressam as diversidades de sentidos criadas a partir de interações sociais. O sujeito surdo se constitui quando institui estas interações com o meio e vive situações diferenciadas de representação.

Analisar as variações linguísticas das línguas de sinais, sua cultura e identidade surda é uma ação complexa no universo acadêmico, uma vez que são dispositivos carregados de intenções comunicativas. Compreender as manipulações que os sujeitos estão expostos diuturnamente, veiculadas pelo discurso e efetivadas nas interações sociais, políticas, econômicas não é algo tão simples.

A Libras tem a sua estrutura gramatical organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos. Três são seus parâmetros principais ou maiores: a Configuração da(s) mão(s)-(CM), o Movimento - (M) e o Ponto de Articulação - (PA); e outros três constituem seus parâmetros menores: Região de Contato, Orientação da(s) mão(s) e Disposição da(s) mão(s) (FERREIRA-BRITO, 1990).

Os sinais na Libras são criados a partir de parâmetros principais e secundários e, através também de alguns componentes não-manuais. Ademais, há sinais que são formados pelos processos de composição, derivação ou empréstimos da Língua Portuguesa.

Esse sinal do “outro” diferente, marca a insistência desse outro em determinar o sinal que se refere a sua memória de aprendizado, sua cultura, seu lugar social e o momento da interpretação, em relação ao da descrição da fala.

Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico sintaticamente determinado) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. Assim, as variações linguísticas discursivas através da língua de sinais dos surdos ao longo da história definem poderes desiguais que ocupam diferentes espaços e controles dentro de grupos. Foucault (1990) contribui com suas reflexões acerca das relações de poder que ocupam lugares diferenciados, nesta perspectiva, a situação dos surdos junto à comunidade ouvinte.

*. Variações linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de comunicação/sinalização*

O surdo percebe o mundo de forma diferenciada dos ouvintes, através de uma experiência visual e faz uso de uma língua específica para isso. Como artefato cultural, a língua de sinais também é submetida à significação social a partir de critérios valorizados, sendo aprovada como sistema de linguagem rico e independente (QUADROS, 2006).

Percebe-se que a comunidade surda é consideravelmente bastante heterogênea. Assim, almeja-se esclarecer que os surdos não são idênticos, só pelo fato de não escutarem. Ademais, o sujeito surdo pode ter tido contato com filosofias educacionais diferentes. É a língua que vai possibilitar o ser humano relacionar-se com o mundo. Por meio da língua será possível realizar essa interação com seus pares. A vida está intensamente ligada à comunicação.

O maior responsável pela regulação da atividade psíquica humana é a linguagem. É através dela que se permeiam a estruturação dos processos cognitivos. Assim, é assumida como constitutiva do sujeito, pois possibilita interações fundamentais para a construção do conhecimento (VIGOTSKI, 2001). Logo, língua e linguagem estão conectadas e é impossível pensar a vida sem elas, pois são dispositivos essenciais na vida humana.

É a partir do contato com a linguagem e a integração dela pela sociedade que o sujeito a adquire. Para os surdos, esse contato ainda se revela prejudicado, pois a língua oral é percebida por meio do canal auditivo, alterado nestas pessoas. Assim, o indivíduo ao qual se pretende comunicar precisa utilizar a mesma língua que o emissor para que seja possível essa interação. Desse modo, os sujeitos surdos pela defasagem auditiva enfrentam dificuldades para entrar em contato com a língua do grupo social no qual estão inseridos (GÓES, 1996).

O ser humano é capaz de desenvolver outras línguas, conforme sua necessidade, não havendo, uma língua superior à outra. Entre as várias línguas existentes no mundo, há a Língua Brasileira de Sinais – Libras, usada pela Comunidade Surda Brasileira. Logo, a Libras é uma língua apropriada ao indivíduo surdo, mas que muitos ouvintes e surdos ainda a desconhecem. Cabe ressaltar que a Libras não é uma língua universal, uma vez que cada país tem a sua própria língua de sinais, constituídas de condições específicas sociais, culturais e políticas.

### **Procedimentos metodológicos**

A presente pesquisa consubstanciou-se em uma investigação de campo, de caráter exploratório, na qual, averiguaram-se três palavras de grande circulação pela comunidade

surda de Belém do Pará, a saber: APAIXONAR, REPROVAR e ACHAR. Posteriormente, entrevistamos uma professora universitária, surda, paraense e solicitamos que a docente sinalizasse as três palavras de grande circulação escolhidas, a priori. Essa entrevista foi filmada com o apoio da discente do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural da Amazônia, Vanessa Brito Santana, para que este registro fosse contrastado em seguida com os sinais apresentados no aplicativo HandTalk, de circulação nacional, que traduz palavras da Língua Portuguesa para a Libras.

Dessa forma, consultamos os sinais que o aplicativo disponibiliza gratuitamente para as referidas palavras. Após esse levantamento, procedemos ao contraste dos sinais apresentados pela professora surda e os do aplicativo. Diante dessas variações observadas, analisamo-las de acordo com os critérios fundamentados nos estudos de Quadros e Karnopp (2004): Configuração de mão (CM), Locação (LOC), Movimento (MOV), Orientação da palma da mão (ORI) e Expressão facial (EF).

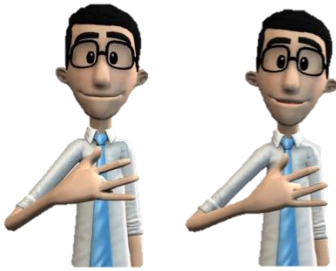













Esta pesquisa vem contribuir com as reflexões linguísticas da comunidade surda sob a hipótese de a língua, em suas variadas narrativas linguístico-discursivas, refletir os aspectos culturalmente significativos. Estima-se que a maior contribuição será para a academia ao promover e despertar o interesse de outros pesquisadores em dar continuidade a pesquisas inclusivas e pragmáticas sobre o tema emergindo a necessidade em discutir acerca da educação inclusiva, uma vez que o benefício da inclusão não atende apenas as pessoas com deficiência, e sim, toda a comunidade, no sentido de abranger todas as diversidades no campo do aprendizado.

### **Análise dos dados**

Para analisar os dados coletados, tomamos como base os estudos sobre o *signWriting*<sup>2</sup> de Stumpf (2005) e os estudos fonológicos da Libras de Quadros e Karnopp (2004). Nesse sentido, centramos nossa investigação em variações fonológicas nos verbos pesquisados. Nas Tabelas 2, 3 e 4 em seguida, apresentaremos as variações linguísticas presentes no aplicativo alagoano HandTalk e os vocábulos veiculados pela Surda paraense entrevistada. Os sinais em *signWriting* e as sequências de imagens escolhidas da professora entrevistada em todas as tabelas analisadas foram traduzidas pelo tradutor-intérprete e pesquisador Walber Gonçalves de Abreu da Universidade Federal Rural da Amazônia.

Tabela 2 – Variações linguísticas do verbo “APAIXONAR” na Libras.

Variações linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de comunicação/sinalização

VERBO APAIXONAR		
Parâmetros	Variação do Hand Talk	Variação do Pará
		
		
CM		
LOC		
MOV		
OR		
EF		

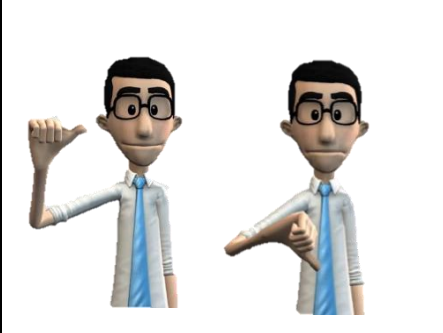

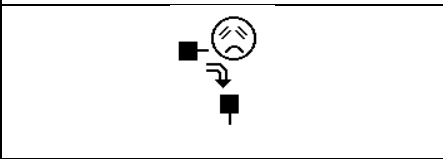
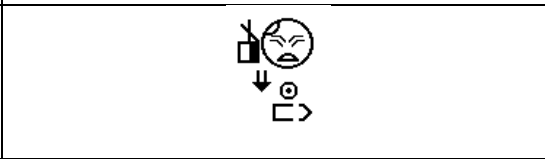
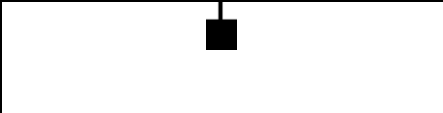

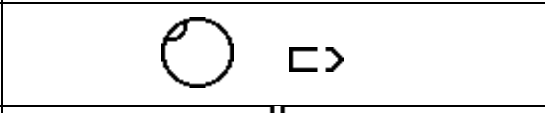


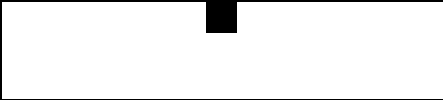



Fonte: Elaboração própria dos autores, 2019.

De acordo com os dados contidos na Tabela 2, analisamos que a variação no sinal de APAIXONAR se dá nos parâmetros CM e MOV. No sinal do aplicativo a CM é realizada com o dedo médio selecionado para estabelecer o toque com o busto e o MOV é feito de maneira relaxada para dentro. Enquanto no sinal da professora surda, a CM é articulada com os dedos unidos, sendo o polegar o único dedo separado dos demais e há um MOV interno das mãos de maneira suave e repetida.

Constatamos ainda que ambos os sinais são articulados na mesma locação (busto esquerdo), que é um ponto que estabelece relação semântica com o significado do verbo APAIXONAR.

Tabela 3 – Variações linguísticas do verbo “REPROVAR” na Libras.

VERBO REPROVAR		
Parâmetros	Variação do Hand Talk	Variação do Pará

		
		
CM		
LOC	Espaço Neutro	
MOV		
OR		
EF		

Fonte: Elaboração própria dos autores, 2019.

Observa-se a partir dos dados contidos na Tabela 3, que o sinal REPROVAR apresenta variação nos parâmetros CM e LOC. A CM da variante apresentada no aplicativo é articulada com a mão fechada e o polegar estendido e o sinal não possui uma localização específica, portanto tem a LOC espaço neutro. A variante sinalizada pela professora surda possui a mesma CM da letra R do alfabeto manual e o sinal é articulado na locação testa e vai em direção à locação palma da mão.

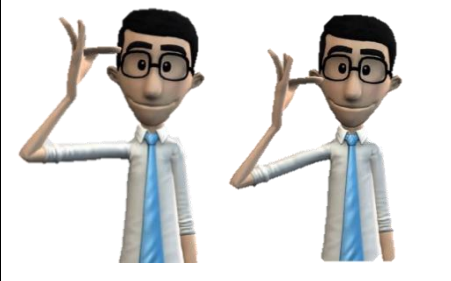

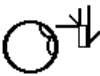











É importante destacar que em ambos os sinais o movimento é direcionado para baixo. Essa direção é característica de sinais com sentido de coisas ruins.

Tabela 4 – Variações linguísticas do verbo “ACHAR” na Libras.

VERBO ACHAR		
Parâmetros	Variação do Hand Talk	Variação do Pará



Variações linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de comunicação/sinalização

		
		
CM		
LOC		
MOV		
OR		
EF		

Fonte: Elaboração própria dos autores, 2019.

De acordo com os dados analisados na Tabela 4, infere-se que o sinal de ACHAR nas duas variantes apresenta uma diferença em todos os parâmetros. No *HandTalk* a CM é articulada de forma aberta com o dedo médio selecionado, esse dedo estabelece um contato na parte lateral direita do rosto, primeiro um toque na têmpora e outro na região bucinadora; a palma da mão está direcionada para a posição ipsilateral. O sinal articulado pela professora apresenta uma CM com os dedos indicador e polegar selecionados, esses dedos realizam um movimento interno ao redor da boca; A OR é direcionada para trás.

Diante de todo o exposto, constatamos que as variantes dos sinais de APAIXONAR, REPROVAR e ACHAR diferem principalmente no parâmetro CM. Podemos hipotetizar a partir dos dados analisados que esse parâmetro é o articulador que marca a diferença na maioria das variantes de um sinal. Dessa maneira, se tivéssemos um sinal que diacronicamente variasse essa variação provavelmente se daria no parâmetro CM.

Ressaltamos ainda que dois sinais possuem pequenas diferenças estruturais entre suas variantes e um apresenta uma diferença mais considerável. Isso reitera o que

afirmamos anteriormente sobre a influência de fatores sociais, históricos e culturais para o estabelecimento de variações linguísticas em uma língua, surgindo assim diversos dialetos.

A partir da análise dos dados, percebeu-se que há variações linguísticas e, que cada estado brasileiro possui suas próprias variações. Os termos, usados pela Surda paraense entrevistada comparados ao utilizado no aplicativo *Hand Talk*, que é de origem alagoana, prova que cada região tem suas particularidades linguísticas, mas que já foram convencionadas pelos surdos. Assim, temos sinais diferentes, mas com os mesmos significados. Como uma língua natural, a Libras apresenta dialetos regionais presentes a partir das variações sociais, regionais e de contextos históricos.

### **Considerações finais**

A vida do ser humano está fortemente ligada à comunicação e é a língua que possibilita o indivíduo relacionar-se com o mundo. Logo, é por meio da língua que os sujeitos surdos e ouvintes podem transmitir pensamentos, ideias e interagir com seus pares a partir de uma variedade linguística discursiva de sinais.

Os povos surdos são consideravelmente bastante heterogêneos. Eles não são idênticos, só pelo fato de não escutarem. Ademais, o sujeito surdo pode ter tido contato com filosofias educacionais diferentes.

Considera-se a importância de pesquisar, cada vez mais, sobre os aspectos culturalmente significativos, a compreensão da variedade linguística do sujeito surdo, contribuindo para o interesse de outros pesquisadores em dar continuidade a pesquisas inclusivas e pragmáticas sobre o tema.

Os resultados mostram que a comunicação em Libras não depende apenas da possibilidade de visualização ou memorização de sinais. O sujeito ao adquirir linguagem vai muito além do que apenas aprender ou decorar um conjunto de regras. Dessa forma, quando se aprende a falar em uma língua oral ou sinalizar em uma língua de sinais não se adquire apenas um conjunto de dados, com suas características e modos de expressão.

A ocorrência das variantes linguísticas analisadas no aplicativo alagoano, de circulação nacional, *Hand Talk* e a professora surda paraense afirmam que a Libras, assim como qualquer outra língua aumentam o repertório de seus vocabulários a partir de novos sinais introduzidos por outros surdos em atendimento a diversas mudanças culturais e tecnológicas. Dessa forma, a Libras não é universal, assim, como sujeitos ouvintes em

. *Variações linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de comunicação/sinalização*  
cidades geograficamente distantes falam diferentes dialetos, também os sujeitos surdos por toda parte do país, que estão imersos em “culturas surdas”, possuem seus dialetos, sinais próprios da Libras, apresentados algumas vezes tão complexos e expressivos quanto à língua oral.

## Referências

BERSCH, Rita. Tecnologia assistiva e educação inclusiva. In: **Ensaio Pedagógico**. Brasília, DF: SEESP/MEC, 2006. p. 89-94.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 12 abr. 2016.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>. Acesso em: 3 jun. 2015.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. O discurso ideológico das filosofias educacionais para surdos e sua língua dos sinais. **Revista Geles**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 22-44, 1990.

FLORIANO, Jani; MARTINS, Elaine Maria; AMARAL, Claiton Emílio do. (Org.). **PROESDE: Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional. Relatos de Experiência do III Seminário Estadual do PROESDE 2015: Políticas de sustentabilidade e desenvolvimento na promoção da inclusão social**. Joinville: Univille, 2016. p. 83-87.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990. (Biblioteca de filosofia e história das ciências, 7). p. 4-11.

FRANCHI, Carlos. Linguagem: atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 22, p. 9-39, jan./jun. 1992.

G1. 'Só quem sentiu essa dor é capaz de entender a militância', diz professora surda que reagiu a críticas sobre redação do Enem. **G1**, Belém, 6 nov. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/enem-para/noticia/so-quem-sentiu-essa-dor-e-capaz-de-entender-a-militancia-diz-professora-surda-que-reagiu-a-criticas-sobre-redacao-do-enem.ghtml>>. Acesso em: 3 nov. 2019.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1996. (Educação contemporânea).

HAND TALK. **Hand Talk**: Tradutor de Sites. [S.l.], 2019. Disponível em: <<http://www.handtalk.me/sites>>. Acesso em: 3 nov. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. (Biblioteca Artes Médicas).

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMLEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília, DF: MEC, SEESP, 2006.

ROSA, Fabiano Souto; GOES, Alexandre Morand; KARNOPP, Lodenir Becker. Estudos surdos: uma abordagem lingüística. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA**, Canoas, n. 3, p. 259-269, 2004.

SIMÕES, Kátia. Hand Talk: os sinais das Olimpíadas. **Exame**, São Paulo, 20 jul. 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/pme/hand-talk-os-sinais-das-olimpiadas/>>. Acesso em: 3 nov. 2019.

SOARES, Manuella. Tecnologia da Ufal é usada em aplicativo de inclusão para surdos. **UFAL**, Alagoas, 7 fev. 2013. Disponível em: <<https://ufal.br/ufal/noticias/2013/02/tecnologia-da-ufal-e-usada-em-aplicativo-de-inclusao-para-surdos>>. Acesso em: 3 nov. 2019.

SOUZA, Natália. Aplicativo alagoano Hand Talk é eleito o melhor do mundo em concurso. **G1**, Alagoas, 5 fev. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/02/aplicativo-alagoano-hand-talk-e-eleito-o-melhor-do-mundo-em-concurso.html>>. Acesso em: 3 nov. 2019.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2009.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da LIBRAS**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador**. 2005. 330 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

#### Notas:

1. Para Strobel (2009), povo surdo refere-se aos sujeitos surdos que, mesmo não habitando o mesmo local, estão ligados pela origem, pela cultura surda. É um grupo constituído por sujeitos surdos que utilizam língua, costumes, tradições e histórias em comum.

2. De acordo com Stumpf (2005), o sistema de escrita para línguas de sinais denominado *SignWriting* foi criado em 1974 por Valerie Sutton. Valerie era dançarina e havia desenvolvido o *Dance Writing* para notar os movimentos da dança. O sistema *SignWriting* pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O *SignWriting* pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia. Para escrevê-lo é preciso saber uma língua de sinais.

### **Sobre as autoras**

#### **Liliane Afonso de Oliveira**

Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (Linguagem, Identidade e Cultura Da/Na Amazônia) pela Universidade da Amazônia; mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia; graduação em Letras (Português) pela Universidade da Amazônia . Atualmente é professor Auxiliar I da Universidade Federal Rural da Amazônia. Tem experiência na área de Letras e Língua Brasileira de Sinais (Libras), atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Especial, Violência, Língua Portuguesa Variação linguística e Análise do Discurso. É autora do livro "Discursos da mídia impressa sobre a violência nas escolas públicas: corpo, identidade e regimes de verdade em Belém do Pará. E-mail: [liliane\\_afonso@yahoo.com.br](mailto:liliane_afonso@yahoo.com.br) , ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4581-9952>

#### **Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva**

Doutora em Semiótica e Linguística Geral (USP/2002). Mestre em Letras/Linguística (UFPA/1997). Especialista em Língua Portuguesa (UECE/1992). Graduada em Letras (UFPA/1983). Professora Titular e pesquisadora da UEPA, onde atua na Graduação e na Pós-Graduação, na Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Cartografia linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: descrição, variação linguística, educação, inclusão linguística: Língua Portuguesa/Libras e letramento na Amazônia. Cursando Pós-Doutorado na UFRGN. E-mail: [cardoso\\_socorro@yahoo.com.br](mailto:cardoso_socorro@yahoo.com.br) , ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2574-4183>

#### **Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo**

Doutora em Letras (Crítica Genética, Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Pará, mestrado em Letras/Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará, graduação em Letras (Português) pela Universidade do Estado do Pará. Atualmente é professora Assistente II da Universidade Federal Rural da Amazônia. Tem experiência na área de Letras e Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: Guimarães Rosa, Literatura brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura da Amazônia e recepção crítica. Email: [wanubyacampelo@gmail.com](mailto:wanubyacampelo@gmail.com) , ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6557-0827>

Recebido em: 05/11/2019

Aceito para publicação em: 17/05/2020